



REGULAÇÃO DO SISTEMA BANCÁRIO ESPANHOL: BASILEIA II E CRISE FINANCEIRA INTERNACIONAL

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – INSTITUTO DE ECONOMIA (IE)

IE Instituto de
Economia

Lis Aimbiré de Geus (lisaimbire@gmail.com)
Profª Drª Simone Silva Deos (simonedd@uol.com.br)
Serviço de Apoio ao Estudante - SAE

Palavras-Chave: Regulação bancária – Crise financeira internacional – Sistema financeiro espanhol

Introdução

Dentre os diversos setores da economia, o financeiro possui uma qualidade peculiar: o risco sistêmico. Este termo se refere à possibilidade de que um pequeno impacto em algum de seus elementos "contamine" a economia, levando-a a uma crise. Por este motivo, uma regulação mais "pesada" deste setor é aceita pelos agentes, se desdobrando em redes de segurança e regras de regulação e supervisão.

Com as diversas inovações financeiras que ocorreram na década de 1980, como a expansão do mercado de derivativos e o impulso ao processo de securitização, bem como a maior integração, no interior dos bancos, de segmentos de mercado antes separados (como as atividades de banco comercial e banco de investimento), aumentou a dificuldade de mensuração de risco, forçando uma mudança no arcabouço regulatório vigente até então. Juntamente, ocorreu um processo de abertura financeira em âmbito internacional. Com isto surgiu o arcabouço conhecido por Basileia I, que porém foi insuficiente e superado por Basileia II (publicado em 2004), elaborados pelo G10.

Durante a implementação de Basileia II, uma nova crise financeira atingiu o sistema capitalista. Devido ao risco sistêmico e a alta integração econômica e financeira entre países, a crise rapidamente se espalhou por outros setores da economia, bem como para outras regiões. Porém, países diferentes foram atingidos de formas diversas.

Dá-se destaque, neste trabalho, ao caso espanhol. A Espanha resistiu à crise até meados de 2008, porém sucumbiu, posteriormente, aos efeitos recessivos. Esta pesquisa buscou discutir o arcabouço regulatório espanhol e buscar suas peculiaridades.

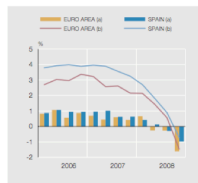
Nos *Financial Stability Reports* publicados semestralmente pelo *Banco de España*, encontram-se análises mais detalhadas. Logo no início da crise, em 2007, ficou claro que a Espanha poderia ser afetada através do setor externo, ou através de condições de financiamento do setor privado. Porém, neste período, foi concluído que a posição das instituições de depósito espanholas era sólida. Não havia, no país, um segmento de mercado de hipotecas semelhante ao *sub-prime* norte-americano, além de não terem as instituições espanholas exposição ao mesmo segmento, no mercado dos EUA. O processo de securitização no país foi também desenvolvido de maneira simples. Ademais, o modelo bancário na Espanha é predominantemente tradicional, operando com bancos de "varejo", com ampla rede de agentes e contato próximo com clientes. As instituições espanholas pareciam estar bem posicionadas para enfrentar a situação, graças aos seus modelos de negócios e a sua força financeira. Na visão do *Banco de España*, elementos estruturais do sistema financeiro espanhol que o deixariam em situação relativamente mais favorável.

Figura 1: Índices das bolsas de valores: Ibox, Eurostoxx e S&P (Janeiro de 2006 a Janeiro de 2009)



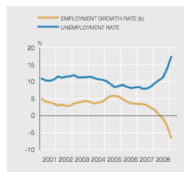
Fonte: Financial Stability Report, abril de 2009.

Figura 2: Variação do PIB: Espanha e zona do Euro (2006-2008)



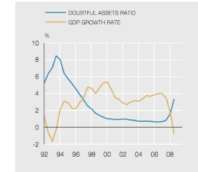
Fonte: Financial Stability Report, abril de 2009.
(a) Taxa trimestral
(b) Taxa anual

Figura 3: Mercado de trabalho na Espanha (2001-2008)



Fonte: Financial Stability Report, abril de 2009.
(b) Taxa anual

Figura 4: Índice de ativos duvidosos e PIB na Espanha (1992 – 2008)



Fonte: Financial Stability Report, abril de 2009.

Em abril de 2008, os Relatórios do BC espanhol ainda apontavam para a posição financeira sólida da Espanha. Porém, a desaceleração do mercado imobiliário apresentava certos desafios aos bancos espanhóis, principalmente o financiamento das famílias e firmas e as dificuldades no mercado internacional. Assim, até este período, entendia-se que a crise havia afetado os mercados financeiros espanhóis superficialmente, não tendo impacto sobre sua estrutura.

A situação se inverteu em novembro de 2008. Os bancos passaram a enfrentar maior dificuldade na condução das operações. Entretanto, é destacado pelo BC espanhol o fato de que os bancos espanhóis não foram diretamente impactados pela crise norte-americana, e sim pela falta de liquidez no âmbito internacional e aperto das condições de financiamento.

Conclusões

A dinâmica da crise na Espanha foi, de fato, diferenciada. No período inicial da crise mundial, enquanto diversos bancos, inclusive de grande porte, faliram ou enfrentaram graves problemas de solvência e liquidez, os principais bancos espanhóis realizavam fusões. Assim, a crise no país foi sentida, inicialmente, nos indicadores reais, sobretudo pela altíssima taxa de desemprego, e não com uma quebra generalizada do setor financeiro.

Isto se deveu ao modelo bancário diferenciado da Espanha. A estrutura bancária é caracterizada por baixo ou nenhum envolvimento com o mercado de títulos *sub-prime* (onde se iniciou a crise), além de um modelo de negócios com grande proximidade aos clientes e relações de longo prazo, o que tende a melhorar a qualidade da carteira de crédito. A intervenção estatal, utilizando medidas contra-cíclicas, foi também fundamental.

Contudo, em face da deterioração da situação econômica mundial e do aumento da incerteza, a economia espanhola sucumbiu à recessão ao final de 2008. Fica claro, assim, que a dinâmica da economia espanhola estava atrelada ao sistema internacional.

Durante a realização da pesquisa, houve mudanças no cenário institucional na Espanha e na Europa, com a criação do ESRB (*European Systemic Risk Board*) em dezembro de 2010 e as discussões em relação a um novo arcabouço de Basileia III. Propõe-se a continuação desta pesquisa com foco nestes esforços.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida através de revisão de literatura, bem como do constante acompanhamento da mídia. A principal base de dados foi o site do Banco Central Espanhol, o *Banco de España*.

Resultados e Discussões

A atual crise financeira é peculiar por ter emanado do centro da economia capitalista, num sistema que é atualmente dirigido pelas finanças. Isto é indicativo de que houve erro na desregulamentação das finanças, através da exploração agressiva de inovações financeiras. Ficou evidente, assim, falhas estruturais no arcabouço regulatório de Basileia II.

A Espanha iniciou o processo de adoção de Basileia II em 2006. O modelo de regulação espanhol, calcado em Basileia II, passou a focar a regulação e supervisão na solvência e na conduta das instituições financeiras, com o objetivo de minimizar o efeito de crises individuais.

Nos relatórios anuais elaborados pelo *Banco de España*, ficam claros os impactos da crise após meados de 2008. Já neste ano, houve maior esforço supervisorio devido à crise que já havia se espalhado para outros países. Nas inspeções, encontrou-se que o número e qualidade de infrações por parte das instituições não diferia muito de outros anos, o que, segundo o relatório, significaria que não houveram grandes mudanças na estrutura financeira em direção a portfólios mais arriscados.

Já em 2009, começaram aparecer maiores sinais da crise, com a redução da receita de instituições de crédito, devido à crise financeira internacional, que paralisou os mercados, e seus efeitos no lado real da economia.